



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

LUCIMAR OLIVEIRA SILVA

**ENTRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E O LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE SOBRE OS GENÊROS DIGITAIS**

Caetité, BA
2023

LUCIMAR OLIVEIRA SILVA

**ENTRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E O LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE SOBRE OS GÊNEROS DIGITAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas, Campus VI, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Ginaldo Cardoso de Araújo.

Caetité, BA

2023

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada. Ao meu Deus, causa primordial de todas as coisas. Aos meus familiares que me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela vida, por ter me dado sabedoria e paciência para seguir em frente.

À minha família, que é meu porto seguro e que sempre me apoia na realização dos meus sonhos. Em especial, minha mãe Maria Lúcia, que sempre esteve ao meu lado, transmitindo palavras de incentivo.

Ao orientador Prof. Dr. Ginaldo Cardoso de Araújo, por sua dedicação, paciência, compreensão, incentivo e por todo conhecimento proporcionado, e por ter aceitado me orientar.

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas – *Campus VI*, na qual tive a oportunidade de construir os meus conhecimentos e realizar o meu sonho de cursar Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas. Também aos docentes do curso que indubitavelmente contribuíram para a minha formação pessoal e profissional, bem como na construção de conhecimentos.

RESUMO

O sistema educacional vem passando, nos últimos anos, por muitas transformações as quais têm impactado tanto o espaço escolar quanto as relações fora dele. A cultura digital vem, cada vez mais, assumindo um lugar de destaque na sociedade atual e, por esta razão, torna-se importante entender de que modo os aspectos dessa cultura, principalmente os gêneros digitais, circulam e atravessam as pessoas, especialmente os jovens. Vale destacar que o ensino de língua portuguesa não é algo transitivo, assim, faz-se necessário que seja algo prático de modo a instigar o aluno para que essa linguagem faça parte do seu cotidiano e os gêneros digitais contribuam para tal necessidade. Desse modo, esta pesquisa tem a pretensão de analisar a abordagem dada aos gêneros digitais no livro didático de Língua portuguesa do Ensino Médio, estabelecendo relações com o que diz a Base Nacional Comum Curricular. Para tanto, o desenho metodológico deste estudo observou os seguintes caminhos: a princípio, fez-se necessário o estudo da Base Nacional Comum Curricular na parte que se refere aos gêneros digitais, bem como seleção de autores que exploram esse tema, relacionando-o ao ensino da Língua Portuguesa; na sequência foi feita uma busca em bancos de dados qualificados para observar trabalhos já realizados em consonância com esse tema. Em um segundo momento, foi feita a escolha do livro didático para estudo e análise quanto aos gêneros. Os resultados apontam que a abordagem dos gêneros digitais nos materiais didáticos é bastante escassa e quando abordados não fazem parte do dia a dia dos estudantes, assim como o *Whatsapp*, *Instagram*, *Tiktok*, ou seja, dificilmente são acessados. Isso só confirma a carência dos GD nos materiais didáticos ainda hoje.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Gêneros digitais. Cultura digital. Livro didático. BNCC.

ABSTRACT

The educational system has been undergoing, in recent years, many transformations which have impacted both the school space and relationships outside of it. Digital culture is increasingly assuming a prominent place in today's society and, for this reason, it is important to understand how aspects of this culture, especially digital genres, circulate and cross people, especially young people. It is worth highlighting that teaching the Portuguese language is not something transitive, so it needs to be something practical in order to encourage the student to make this language part of their daily lives and digital genres contribute to this need. Therefore, this research aims to analyze the approach given to digital genres in the Portuguese Language textbook for high school, establishing relationships with what the National Common Curricular Base says. To this end, the methodological design of this study followed the following paths: initially, it was necessary to study the National Common Curricular Base in the part that refers to digital genres, as well as the selection of authors who explore this topic, relating it to teaching the Portuguese language; Subsequently, a search was carried out in qualified databases to observe work already carried out in line with this theme. Secondly, the textbook was chosen for study and analysis regarding genres. The results indicate that the approach to digital genres in teaching materials is quite scarce and when approached they are not part of students' daily lives, just like Whatsapp, Instagram, Tiktok, that is, they are hardly accessed. This only confirms the lack of GD in teaching materials even today.

Keywords: Textual Genres. Digital genres. Digital culture. Textbook. BNCC.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Estudos incluídos na revisão de acordo com os autores, título do artigo, ano de publicação, a partir das contribuições dos gêneros digitais no ensino de Língua Portuguesa.

Quadro 02: Processo para a construção da BNCC.

Quadro 03: Volume 1

Quadro 04: Volume 2

Quadro 05: Volume 3

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
RSL	REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA
SciELO	SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE
TDCI	TECNOLOGIAS DIGITAIS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO
PCNS	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS
DCNS	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS
PNE	PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
MEC	MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO
PNLD	PLANO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO
FNDE	FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
SEF	SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL
GD	GÊNEROS DIGITAIS
LP	LÍNGUA PORTUGUESA
EM	ENSINO MÉDIO
SIP	SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA
TCC	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
UNEB	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Revisão de literatura	13
1.2 Organização do texto e contribuição da pesquisa	16
2 PRÁTICAS DE LINGUAGEM	18
2.1 Linguagem e Letramento Digital	18
2.2 Cultura Digital	20
2.3 Gêneros textuais e aprendizagem	22
3 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E GÊNEROS DIGITAIS	25
3.1 BNCC: contextualização	25
3.2 BNCC e as orientações para o trabalho com gêneros digitais	27
4 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS GÊNEROS DIGITAIS	33
4.1 Sobre o livro didático	33
4.2 O livro em análise	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa toma como objeto de estudo a Base Nacional Comum Curricular na parte que se refere ao ensino de Língua Portuguesa. De forma específica, elege a abordagem dada aos gêneros digitais no referido documento e toma como material de análise um livro didático de Língua Portuguesa, trabalhado em escolas públicas de Ensino Médio em municípios da região do Alto Sertão da Bahia. A escolha da temática deste estudo se deve ao interesse de saber de que forma os gêneros digitais podem ser utilizados como recurso de ensino-aprendizagem na escola.

Vale salientar que hoje em dia as crianças e os jovens estão a todo momento utilizando os celulares, ou seja, os aparelhos eletrônicos estão ocupando muito tempo na vida dessas crianças e jovens, fazendo com que este influencie na formação dessas pessoas. Os pais também lidam com a influência que as tecnologias têm nas relações com seus filhos desde criança até a adolescência. Pois, ao mesmo tempo em que a internet possibilita uma maior comunicação em uma esfera temporal e de lugar, ela também traz consigo um fator negativo nas relações familiares, quando por exemplo, contribui para o afastamento afetivo dentro dos respectivos lares. Assim, podemos nos questionar de que maneira os recursos tecnológicos podem trazer benefícios também ao relacionamento parental?

Nas escolas, muito se questiona sobre o uso dos aparelhos eletrônicos dentro das salas de aulas: proibir ou não proibir o seu uso? Eis a questão. Grande parte dos professores é favorável a proibição do celular na sala de aula. Durante o meu período de Estágio Supervisionado III e IV, por exemplo, pude ver o quanto é desafiador lecionar para jovens, os quais não conseguem ficar dois minutos sem tocar no aparelho celular. É um desafio que a cada dia só aumenta, pois pensar estratégias lúdicas, interativas e que sejam aceitas pelos alunos, não é tarefa fácil. Assim, pude perceber que são os aplicativos de jogos, interações com vídeos, fotos e músicas que mais ganham atenção dos estudantes.

Os estudos científicos também se preocupam com essa problemática. Trabalhos como *Gêneros digitais em livros didáticos de português: uma abordagem focada no livro didático e na concepção de professores* dos autores Santos e Cavalcante (2020), e *A cultura digital no livro didático de português: por uma perspectiva dialógica* de Cândido e Xavier (2022) abordam que os gêneros digitais apresentados nos livros didáticos, em sua maioria, são citados apenas como pretexto para trabalhar outras categorias linguísticas, ou seja, raramente

aparecem de maneira mais significativas. Logo, pode-se, pois, dizer que há uma limitação nas abordagens didáticas dos referidos gêneros.

A razão para estudar essa temática surgiu desde o terceiro semestre do curso de Letras, por meio dos trabalhos do componente Seminário Interdisciplinar de Pesquisa – SIP. Ao longo dos semestres, desenvolvi estudos abordando as orientações acerca da linguagem segundo a Base Nacional Comum Curricular, os gêneros textuais e as práticas de linguagem na cultura digital, bem como o componente projeto de vida e as competências de Língua Portuguesa também de acordo com a BNCC. Diante desses estudos, a inquietação sobre o tema permaneceu para saber como o uso dos gêneros digitais é orientado pela Base Nacional Comum Curricular e se essas orientações estão sendo contempladas nos livros didáticos elaborados a partir da promulgação do referido documento.

Dessa forma, esta pesquisa apresenta como objetivo geral: Analisar a abordagem dada aos gêneros digitais na BNCC e no livro didático de Língua Portuguesa, trabalhado em escolas públicas de Ensino Médio em municípios da região do Alto Sertão da Bahia. Este objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos: contextualizar a BNCC e sua relação com a produção dos livros didáticos para o Ensino Médio; verificar o modo como a BNCC e os livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio exploram o uso dos gêneros digitais; discutir as relações entre os gêneros digitais e o desenvolvimento das competências de língua portuguesa previstas na BNCC.

Considerando que a cultura digital vem, cada vez mais, assumindo um lugar de destaque na sociedade atual, é importante entender de que modo os aspectos dessa cultura, principalmente os gêneros digitais, circulam e atravessam as pessoas, especialmente os jovens. A todo o momento, estamos mergulhados em um universo digital, com diversas opções no celular, que vão desde sua localização até todas as informações da realidade, de comportamento, o que está acontecendo, o clima, ou seja, temos tudo isso na “palma da mão”, e essa prática de linguagem precisa fazer parte da escola. Ganham espaço e importância, nesse universo, as discussões acerca de tais gêneros e como eles podem ser desenvolvidos no contexto do processo ensino-aprendizagem, na prática.

As novas abordagens de ensino facilitam a aplicação das diretrizes propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de modo que orientam o professor na inclusão e na utilização da tecnologia como ferramenta para complementar as práticas pedagógicas. Além disso, a BNCC, como um documento norteador da Educação Básica, explora e orienta o trabalho com os gêneros digitais na sala de aula como instrumento de aprendizagem escolar.

Entende-se, portanto, que os gêneros digitais estão alinhados com esse pensamento, pois hoje todos nós nos comunicamos cada vez mais rápido e com uma eficiência maior, haja vista a tecnologia de comunicação, a qual abarca as chamadas redes sociais em que nós nos integramos.

Nesse sentido, há muito a se discutir sobre os gêneros digitais para compreender como eles vêm sendo abordados, mediante esse universo de interação, que se constitui não apenas as formas linguísticas, mas também todas as maneiras de fala dos sujeitos nas suas atividades da linguagem. Vale ressaltar que é fundamental trabalhar e envolver gêneros na escola que estejam presentes nas práticas sociais, de modo a relacionarem às mais diversas tipologias. Nesse sentido, a questão central que mobiliza esta investigação é a seguinte: de que forma a Base Nacional Comum Curricular e os livros didáticos de Língua Portuguesa exploram os gêneros digitais como recurso de aprendizagem?

No que concerne aos conceitos essenciais desta pesquisa, elegemos os estudos de Alves e Carneiro (2019) para discorrer acerca da Cultura digital. Uma vez entendido os aspectos dessa cultura, a qual nós estamos inseridos e que os gêneros digitais fazem parte, Marcuschi (2002; 2007; 2008); Rojo (2008); Ottoni (2021); Santana e Silva (2020) irão tratar do conceito de Gêneros digitais, partindo do princípio da noção de gênero textual inicialmente, que estava mais vinculado a gêneros literários, mas hoje, pode integrar qualquer categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, ou seja, como entidades dinâmicas, cujos limites e demarcações se tornam fluidos, pois são partes integrantes da sociedade e não apenas elementos que se sobrepõem a ela. Na sequência, Bitencourt (2002), Santana e Silva (2020) trarão contribuições acerca do conceito Livro didático, tendo em vista que o livro é o material didático referencial não apenas dos professores, mas também dos alunos.

A metodologia desta pesquisa filia-se à abordagem qualitativa, apoiando-se nos pressupostos da pesquisa documental. Para tanto, este estudo se desenvolve observando as seguintes etapas: a princípio, estudo da Base Nacional Comum Curricular na parte que se refere aos gêneros digitais, bem como a seleção de autores que exploram este tema relacionando-o ao ensino da Língua Portuguesa. Do mesmo modo, buscou-se em bancos de dados qualificados trabalhos já realizados sobre o tema, a fim de observar o que elas trazem sobre o assunto. Depois, em um segundo momento, foi feita a escolha do livro didático analisado nesta investigação. Por fim, realizamos feita a análise dos dados destacados, utilizando para tal o suporte do referencial teórico selecionado.

Cabe destacar que a análise dos dados nesta pesquisa foi feita à luz dos pressupostos da análise de conteúdo, que, segundo Bardin (2016), é composta por três fases, a saber: 1- A pré-análise; 2- A exploração do material; 3- O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

1.1 Revisão de literatura

A revisão de literatura é uma etapa muito importante em uma pesquisa, seja acadêmica ou científica, pois permite que outros pesquisadores conheçam, e, caso necessário, reaproveitem diferentes abordagens, bem como recursos de temas específicos. Assim, utilizou-se neste estudo o método qualitativo de Revisão Sistemática de Literatura, o qual, na perspectiva de Galvão e Ricarte (2020), corresponde a

uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos, e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto. Está focada no seu caráter de reprodutibilidade por outros pesquisadores, apresentando de forma explícita as bases de dados bibliográficos que foram consultadas, as estratégias de busca empregadas em cada base, o processo de seleção dos artigos científicos, os critérios de inclusão e exclusão dos artigos e o processo de análise de cada artigo. Explicita ainda as limitações de cada artigo analisado, bem como as limitações da própria revisão (Galvão; Ricarte, 2020, p. 58-59).

Assim sendo, para conhecer pesquisas já realizadas com ou semelhantes ao tema deste estudo, deliberamos como base de dados para realizar a revisão sistemática, o Google Acadêmico e o SciELO. Saliento que o Google Acadêmico é uma plataforma digital de pesquisa gratuita, criada em 2004, tendo a versão na língua portuguesa disponibilizada em 2006, e local em que se pode ter acesso a diversos trabalhos acadêmicos. O SciELO por sua vez é uma biblioteca eletrônica científica online, de acesso livre, onde são publicados milhares de periódicos científicos, fundada há aproximadamente 26 anos em São Paulo, no Brasil.

A princípio, a busca de artigos seria realizada em uma revista específica da área de linguagens, em um recorte temporal dos últimos quatro anos. No entanto, não foi tão fácil o quanto imaginávamos encontrar pesquisas que falassem de gêneros digitais ou letramento digital, voltados para o ensino da língua portuguesa. Pesquisamos em revistas especializadas tais como: Estudos da Língua(gem); Linguagem e Ensino; Entre Línguas, mas em apenas uma encontramos um único artigo que falasse sobre assunto. Concluímos, então, que não existem tantas pesquisas nessa temática já publicadas.

Tanto no Google Acadêmico quanto no SciELO, foram utilizadas estratégias de buscas através de palavras chave, seguindo um recorte temporal de 4 anos, a saber: 2019, 2020, 2021 e 2022. Na base de dados do Google Acadêmico, ao ser pesquisado o termo *gêneros digitais*, foram encontrados 16.500 publicações. Pesquisando outra vez “*gêneros digitais*” (entre aspas), o número caiu para 2.220 resultados. A fim de delimitar a busca por trabalhos na mesma temática deste estudo especificamente, foi pesquisado por; “*gêneros digitais e ensino*” (entre aspas), e o resultado apresentou 15 publicações de estudo. Desse quantitativo, foram selecionados a partir da avaliação dos títulos, 4 artigos para leitura.

No banco de dados do SciELO, seguiu-se a mesma estratégia anterior. No entanto, além da seleção partindo de palavras chave, utilizou-se também como critério de avaliação, busca de artigos por áreas temáticas de Linguística, Letras e Artes, especificamente da área de linguagens. De acordo com esse filtro de pesquisa, foram encontrados 11 publicações.

Nessa busca, nossa atenção foi em analisar artigos e dissertações, por isso foram desconsideradas outras modalidades de trabalho. Quanto aos critérios de exclusão, destacam-se os estudos que não pertencem às áreas estabelecidas por esta revisão; a exemplo de estudos que estão escritos em línguas estrangeiras ou fazem referência à mesma, trabalhos que tinham como objeto de estudo o Ensino Superior e os que não estão disponíveis para acesso por algum motivo ou não tem acesso aberto. Dentre os estudos selecionados – vinte seis (26) -, apenas quatro atendiam aos critérios estabelecidos e cujo processo metodológico está diretamente relacionado à utilização dos gêneros digitais enquanto importantes ferramentas de ensino na escola. No quadro a seguir, informações sobre os trabalhos selecionados.

Quadro 01. Estudos incluídos na revisão de acordo com os autores, título do artigo, ano de publicação, a partir das contribuições dos gêneros digitais no ensino de Língua Portuguesa.

Autor/es	Título	Ano de publicação	Tipo
CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; LIMA, Nelci Vieira de e ALBERT, Sílvia	TDIC na educação básica: perspectivas e desafios para as práticas de ensino da escrita	2019	Artigo
SANTOS, Nádson Araújo dos	Das páginas às telas: o lugar do (não) lugar dos gêneros digitais no livro didático de Português	2019	Dissertação

OLIVEIRA, Jurene Veloso dos Santos e SILVA, Simone Bueno Borges da	Os gêneros textuais digitais como estratégias pedagógicas no ensino de língua portuguesa na perspectiva dos (multi)letramentos e dos multiletramentos	2020	Artigo
SILVA, Ana Carolina Ribeiro da e FRANÇA, José Marcos Ernesto Santana de	Os gêneros digitais no livro didático de língua portuguesa: como o professor deve ensinar?	2022	Artigo

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O artigo de Cabral, Lima e Albert (2019), intitulado *TDIC na educação básica: perspectivas e desafios para as práticas de ensino da escrita*, apresenta um foco voltado para TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) nas práticas de escrita, tem por objetivo identificar o que estabelece a BNCC relativamente aos gêneros digitais e à inserção das TDIC para Língua Portuguesa, e, nesse contexto, o ensino e a aprendizagem da escrita. Esse estudo nos interessou, porque os autores reforçam a importância de inserção das TDIC como forma de envolver os estudantes nas práticas de escrita, fazendo com que eles assumam o papel de curadores e autores nas práticas de escrita, conforme preconiza a BNCC. Do mesmo modo, as reflexões apresentadas indicam também a importância da formação do docente para atuar em um mundo primordialmente tecnológico, cujas premissas e processos os estudantes, nativos digitais, já dominam.

O estudo de Santos (2019), *Das páginas às telas: o lugar do (não) lugar dos gêneros digitais no livro didático de Português*, nos chamou a atenção porque apresenta um olhar não apenas sobre os gêneros digitais, mas, assim como o objetivo desta pesquisa, o autor relaciona os referidos gêneros com as orientações da BNCC e o livro didático de Língua Portuguesa. É válido destacar um ponto que se distancia do nosso estudo, é que Santos (2019) discute as abordagens e orientações dos gêneros digitais com o livro didático do Ensino Fundamental, enquanto o nosso foco é o Ensino Médio. Ainda assim, na perspectiva do livro didático enquanto material referencial de estudo, entrelaçados as ferramentas tecnológicas, dialogam com esta pesquisa, principalmente em relação à abordagem dos gêneros digitais na sala de aula.

Oliveira e Silva (2020) realizaram uma pesquisa cujo título é: *Os gêneros textuais digitais como estratégias pedagógicas no ensino de língua portuguesa na perspectiva dos (multi)letramentos e dos multiletramentos*, com o objetivo de propiciar discussões acerca da inserção dos gêneros textuais digitais, como estratégias pedagógicas, no ensino de Língua

Portuguesa, à luz dos (multi) letramentos e dos multiletramentos. As autoras ressaltam que é preciso trazer o virtual para o espaço da sala de aula, o *cibercultural*, o digital, de forma estratégica, organizada a fim de se chegar a objetivos que se pautem, prioritariamente, na reflexão crítica e na produção autoral a partir do ensino e da aprendizagem de Língua Portuguesa. Desse modo, percebe-se que há a necessidade de se rever a metodologia utilizada pelos professores de Língua Portuguesa na Educação Básica, sobretudo no Ensino Médio, utilizando/criando/adaptando estratégias pedagógicas que possam integrar as tecnologias digitais, numa perspectiva mais ampla, a exemplo do uso dos gêneros textuais digitais, os quais podem ajudar na compreensão das múltiplas formas/possibilidades de acesso ao conhecimento, de forma crítica, reflexiva e situada.

Por fim, o estudo de Silva e França (2022), *Os gêneros digitais no livro didático de língua portuguesa: como o professor deve ensinar?*, traz uma discussão muito interessante acerca do livro didático, visto que é um dos elementos fundamentais utilizados pelo sistema educacional brasileiro, o qual pode contemplar o uso crítico e ético da Web, além de proporcionar ao aluno (re)conhecer gêneros que possam desenvolver competências comunicativas necessárias para analisar a consonância da abordagem dos gêneros digitais no livro didático de língua portuguesa do Ensino Fundamental com a proposta da BNCC e como esses gêneros são abordados metodologicamente no suporte impresso, uma vez que, no cenário atual da vida cotidiana, quase todos os nossos hábitos estão ligados ao mundo virtual. Com relação ao livro didático, os autores também se referem ao do Ensino Fundamental, mas as discussões sobre os gêneros digitais em consonância com esse material de análise, muito se aproxima com o objetivo geral desta pesquisa.

De modo geral, esses trabalhos nos mostram que, mediante o avanço tecnológico, faz-se importante considerar a relevância dos estudos sobre os gêneros digitais, a fim de que possamos compreender que o ensino de Língua Portuguesa precisa estar inserido nessa realidade virtual. Diante do exposto, o objetivo dessa revisão além de delimitar o nosso tema, é conhecer os estudos que mais se aproximam do nosso, e analisar as abordagens utilizadas, bem como quais foram os resultados alcançados.

1.2 Organização do texto e contribuição da pesquisa

Para situar o leitor e facilitar a compreensão do texto, este trabalho está estruturado da seguinte maneira: a princípio, apresentamos os pressupostos introdutórios da pesquisa, a metodologia utilizada e a Revisão Sistemática de Literatura (RSL). Na sequência, a segunda

seção aponta alguns argumentos acerca das práticas de linguagens, os meios tecnológicos digitais e seu uso na cultura digital e na educação. A terceira seção deste trabalho apresenta uma breve discussão sobre a contextualização da Base Nacional Comum Curricular e as orientações para o trabalho com os gêneros digitais. A quarta seção dedica-se à apresentação dos livros didáticos e os resultados obtidos por meio da análise e, fechando o trabalho, as considerações finais.

Acreditamos que a presente pesquisa tem potencial para possíveis modificações que poderão ser geradas a partir desse estudo, tanto no que se refere ao ensino, bem como ao contexto social, tendo em vista que falar de gênero é falar de linguagem. E a linguagem acentua práticas sociais e pedagógicas, as quais constituem a integração das tecnologias digitais. Vale lembrar que é por meio delas que os sujeitos podem exercer sua cidadania na sociedade contemporânea, ou seja, colaboram para seu desempenho social, educacional e profissional.

2 PRÁTICAS DE LINGUAGEM

É preciso desenvolver, metodologicamente, práticas de linguagem que consideram essa maneira específica de ver o mundo e de estar nele.

Simone Bueno Borges Silva

Nesta seção abordaremos o conceito de linguagem e como ela se apresenta nas práticas sociais. A princípio discutiremos a linguagem enquanto ferramenta essencialmente humana, bem como as várias possibilidades que ela oferece, ou seja, vários tipos de linguagem (verbal, visual, sonora, etc). Em seguida, falaremos do letramento digital, da cultura digital, bem como dos gêneros textuais e aprendizagem. A partir da ideia da epígrafe, ressaltamos que o ensino de Língua Portuguesa, possibilita a inserção de gêneros textuais digitais de modo a promover espaços de reflexão, que ajude os estudantes a pensar e usar efetivamente nossa língua.

2.1 Linguagem e Letramento Digital

A compreensão, a interpretação, a experiência, a vivência, o senso comum e a ação social se expressam através da linguagem, logo, as múltiplas linguagens assumem um papel importantíssimo no processo de formação dos estudantes. Com base nisso, Marilena Chauí (2014) caracteriza a linguagem como um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para a expressão de ideias, valores e sentimentos. Hoje, todos nós nos comunicamos cada vez mais rápido e com uma eficiência maior, temos que saber como nos comunicar, haja vista, que temos as tecnologias da comunicação, as quais abarcam as chamadas redes sociais em que nós nos integramos.

Em vista disso, a Base Nacional Comum Curricular, na área de Linguagens e suas tecnologias, trata de questões sociais e discursivas, gêneros discursivos e a esfera de circulação. Assim sendo, explora os diferentes tipos de linguagem e sua utilização nas práticas de ensino da linguagem, tais como: verbal, corporal, visual, sonora e digital, sendo que as diferentes concepções de linguagem podem ser agrupadas em múltiplas possibilidades. Sob o mesmo ponto de vista, Freitas e Lima (2010) também estabelecem relações como:

Forma ou lugar de ação ou interação. Os interlocutores são sujeitos que ocupam determinados lugares sociais num dado contexto sócio histórico e

em diferentes situações comunicativas, não só traduzindo e externando pensamentos e sentimentos, transmitindo informações, mas principalmente atuando uns sobre os outros através da linguagem (Freitas; Lima, 2010, p.9).

É justamente nesse universo de interação, que se constituem não apenas as formas linguísticas, mas também todas as maneiras de fala dos sujeitos nas suas atividades da linguagem. A linguagem é essencialmente humana e o pensamento está relacionado as práticas sociais, ou seja, com as interações sociais, logo, é fundamental que envolvam gêneros na escola que estejam presentes nas práticas sociais, de modo a relacionarem às mais diversas tipologias textuais.

Na escola, a linguagem é o instrumento de interação social para que o estudante adquira a habilidade de usar esse recurso como instrumento de busca pelos seus direitos, meio para atuar de forma crítica, responsiva e construtiva na sociedade, adquirindo significado para seu contexto, sua vida pessoal, sua comunidade, pois a linguagem se materializa por meio de gêneros. Os gêneros discursivos aparecem, então, como modelos de discursos que se relacionam uns aos outros.

No Ensino Médio, a contextualização das práticas de linguagem nos diversos campos de atuação permite aos estudantes explorar a presença da multiplicidade de usos da língua inglesa na cultura digital, nas culturas juvenis e em estudos e pesquisas, como também ampliar suas perspectivas em relação à sua vida pessoal e profissional. Além disso, abrem-se possibilidades de aproximação e integração desses estudantes com grupos multilíngues e multiculturais no mundo globalizado, no qual a língua inglesa se apresenta como língua comum para a interação (Brasil, 2017, p.484).

Com o passar dos anos, vivemos uma perspectiva muito diferente quanto às várias formas de disponibilizar os conteúdos. Os próprios textos multisemióticos nas redes sociais se tornaram bastantes intuitivos, haja vista que vivemos em uma sociedade na qual tudo viraliza. Portanto, faz-se necessário estudar as questões sobre o letramento da letra propriamente dita e o letramento digital, pois a escola não pode “ficar de fora”, daquilo que está circulando no mundo cotidiano, por justamente ter havido mudanças nas interações entre os indivíduos, principalmente no momento pandêmico. O letramento digital tem diversas ferramentas as quais permitem aos alunos produzir vídeos, *podcast*, produzir efeitos de sentido de maneiras mais simples, pelo fato de que tais recursos já trazem esses benefícios, portanto, é fundamental pensar como trabalhar isso na escola.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 113), as teorias dos novos letramentos “poderão contribuir para ampliar a visão de mundo dos alunos,

para trabalhar o senso de cidadania, para desenvolver a capacidade crítica [...]”. Conforme essas teorias, os textos não são mais vistos apenas como aqueles escritos; imagens, sons, gestos também são. Então, novas formas de letramento são necessárias para que se possa atender a essas novas formas de texto. Fala-se, assim, em multiletramentos, dentre eles o letramento digital. O ambiente virtual, como já dito, é uma realidade para grande parte das pessoas hoje em dia.

Nesse ambiente, encontram-se animações, fotografias, hipertexto, imagens, sons etc. O aprendiz, por sua vez, tem que saber como navegar entre tantas opções e tantas formas diferentes de texto, selecionando o que for relevante para sua pesquisa, e analisando com um senso crítico as informações que cheguem a ele, pois é importante que não se aceite com passividade tudo a que se está exposto. Nessa linha o letramento digital se torna essencial atualmente, pois agora envolve hipertextos, participações em blogs, discussões on-line etc, visto que os alunos trazem suas experiências de fora da escola para as salas de aula.

Dentro de todo esse contexto, o letramento digital é importante para preparar os alunos, que são uma geração do futuro, a usarem as tecnologias de forma responsável e que traga resultados positivos para a vida pessoal e profissional deles. Muitos podem considerá-lo como a alfabetização das pessoas para usar e entender os meios digitais, como ler e escrever em computadores e celulares. Porém, conforme destaca Soares (2009), o letramento ultrapassa o conceito do ato de ler e escrever, ou seja, vai muito além. Convém lembrar que a área das tecnologias apresenta muitos conteúdos repletos de códigos, ações, mecanismos e plataformas que devem ser compreendidos enquanto são consumidos pelos usuários. Assim, o referido letramento também ensinará os alunos a interpretar os elementos que fazem parte do mundo virtual e como eles devem se comportar de forma consciente em relação aos conteúdos que consomem.

2.2 Cultura Digital

A cultura digital, por meio dos suportes tecnológicos, fazem parte do universo dos alunos. Assim, de acordo com Alves e Carneiro (2019), o indivíduo está inserido em um mundo multicultural, ou seja, a vida passa a ter dimensões digitais e virtuais, nas quais vários gêneros são veiculados e incorporados no dia a dia, colaborando para o surgimento de novas práticas discursivas de letramento, que demandam exploração na escola, pois as mídias são

um eficiente recurso para a prática pedagógica, em virtude da contemporaneidade ser fortemente marcada pelo desenvolvimento tecnológico.

Em consonância com tal pensamento, Alves e Carneiro (2019, p. 77) pontuam que o “professor e aluno trazem um conhecimento prévio, tendo em vista o acesso a esses recursos facilitando assim seu melhor desempenho”. A vista disso, o professor deve transformar de forma estratégica os suportes tecnológicos em ferramentas facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem para motivar o estudante aprender a aprender. Destarte, nas escolas, o ensino de Língua Portuguesa pode tornar-se mais significativo à medida que os docentes assumirem o desafio da formação de cidadãos para agir num mundo social mediado por tecnologias digitais.

Segundo Lima, Lopes e Santos (2020, p. 77), “a inclusão das diversas formas de linguagens, continua sendo um desafio para as relações sociais, sobretudo nas práticas pedagógicas, inclusive no contexto da contemporaneidade”. Assim sendo, de acordo com o caderno pedagógico Brasil (2009, p. 11) o fato da natureza da Cultura Digital ser interdisciplinar pode apresentar um caminho interessante para que o aluno encontre uma abertura maior nas relações que ele irá estabelecer com o seu aprender. Pois, o campo das ¹tecnologias digitais está articulado não apenas ao uso de celulares, *notebooks*, *tabletes*, etc, mas com qualquer outro campo além das tecnologias, a exemplo da arte e da educação.

Diante disso, faz-se necessário tecer aqui duas considerações acerca da Cultura Digital, a qual segundo o caderno pedagógico *Cultura Digital*:

É possível pensar a Cultura Digital como um tipo de área do conhecimento, aquela que gestiona, intercruza as informações e conhecimentos produzidos pela humanidade. Acontece que, para esse tema permear a nossa prática, é necessário uma série de condições de realização da Cultura Digital [...] pode encontrar na Cultura Digital estratégias para desenvolver novas metodologias de ensino-aprendizagem que envolvam o aluno, fazendo da escola um local de pensamento sobre as possibilidades que as redes e comunidades digitais oferecem, tanto para o desenvolvimento intelectual quanto nas possibilidades de socialização e colaboração no coletivo escolar (Brasil, 2009, p. 11).

Nesse mesmo viés, Rivoltella (2003) destaca que a cultura digital é uma cultura multimídia, que usa códigos, linguagens e estratégias pragmáticas de comunicações diferentes. Desse modo, saliento que a cultura digital promove dentre outras coisas, a comunicação, ou seja, a interação em tempo real expandindo a ideia de espaço fixos ou

¹ Caderno Pedagógico intitulado Cultura Digital é parte da Série de Cadernos vinculados ao Programa Mais Educação – MEC.

virtuais. Por certo, as possibilidades dessa cultura tornam-se elementos fundamentais para as práticas contemporâneas, inclusive dentro da escola.

Dessa forma, é interessante ressaltar estes aspectos como uma importante colaboração que possibilita a todos lançar mão de um novo ambiente escolar, dotado de uma cultura ativa de aprendizagens. Portanto, são algumas considerações relevantes acerca da Cultura de uso Digital, tendo em conta atravessada por uma educação que se quer, integral e integrada e que respeita a autonomia, bem como a cultura ativa de aprendizagem de cada educando. Nesse sentido, outro ponto que merece destaque é que, considerando a convivência proporcionada pela vasta expressão cultural disponibilizada nos meios digitais, é possível acreditar que o respeito à diversidade e às diferenças estejam garantidas pelas especificidades humanas a que foram produzidas.

Nesse contexto, o processo do ensino de leitura e interpretação, por exemplo, pode ainda, originar experiências de produções críticas e criativas de novos conteúdos utilizando as tecnologias e o próprio traquejo e conhecimento dos alunos. Assim, refletir sobre as potencialidades no cenário de ensino e aprendizagem é papel da educação contemporânea, na perspectiva de contribuir com a inserção da cultura digital no currículo escolar (Masseto; Silva; Viana, 2022). Pois, assim como considera Silva e Viana (2019, p. 186), a educação é um “processo social que necessita estar em constante mudança em virtude dos aspectos sociais, [...] as quais normatizam diferentes experiências, contextos e situações vivenciadas no âmbito sócio educacional”. Em suma, é essencial que as multimodalidades de ensino sejam inseridas nas salas de aula.

2.3 Gêneros textuais e aprendizagem

Segundo Marcuschi (2002), o tema em si – gêneros textuais - não é novo e vem sendo tratado desde os anos 60 quando surgiram a Linguística de Texto, a Análise Conversacional e a Análise do Discurso, mas o enfoque dado aqui, com atenção particular aos gêneros textuais no domínio da mídia virtual, é mais recente e carece ainda de trabalhos, embora já apareçam estudos específicos sobre esse novo modo discursivo também denominado “discurso eletrônico”. A priori, no ensino dos gêneros textuais, a unidade de trabalho será o texto, porque a comunicação vai se dar através do texto, de modo a possibilitar que as práticas circulem, tendo em vista que possam explorar os contextos em que tais práticas foram trabalhadas ou compartilhadas, a exemplo das várias mídias sociais e semioses.

Marcuschi (2008), em suas pesquisas sobre análise sociointerativa dos gêneros textuais, no que tange aos gêneros no ensino da língua, apresenta que o trato desses, diz respeito ao cuidado da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. Para o autor, os gêneros são formas sociais, ou seja, são partes importantes de uma estrutura comunicativa da sociedade. Entende-se, portanto, que os gêneros digitais estão alinhados com esse pensamento, pois hoje todos nós nos comunicamos cada vez mais rápido e com uma eficiência maior, haja vista a tecnologia de comunicação, a qual abarca as chamadas redes sociais em que nós nos integramos.

Estudos como os de Marcuschi (2002, 2007, 2008) e Roxane Rojo (2008) mostram que o desenvolvimento dos gêneros textuais, e subsequente digitais, representam uma etapa muito importante para a inserção dos mesmos como recurso de ensino-aprendizagem. Nesse processo, os gêneros “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos, surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” (Marcuschi, 2007, p. 19). Para tanto, na perspectiva de Roxane Rojo (2008, p. 586,587), “será necessário ampliar e democratizar tanto as práticas e eventos de letramento que têm lugar na escola como o universo de textos e gêneros que nela circulam”.

Os estudos referenciados são importantes, pois ajudam a compreender como os gêneros digitais vêm sendo abordados, mediante esse universo de interação, que se constituem não apenas as formas linguísticas, mas também todas as maneiras de fala dos sujeitos nas suas atividades da linguagem. Vale ressaltar que é fundamental trabalhar e envolver gêneros na escola que estejam presentes nas práticas sociais, de modo a relacionarem às mais diversas tipologias.

Desse modo, Marcuschi (2008) ressalta que gênero, inicialmente, estava mais vinculado a gêneros literários, mas hoje, pode integrar qualquer categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, ou seja, como entidades dinâmicas, cujos limites e demarcações se tornam fluidos, pois são partes integrantes da sociedade e não apenas elementos que se sobrepõem a ela. Para o autor, os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social, por isso associados às inovações tecnológicas não se caracterizam como instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa.

Dessa forma, podemos considerar os gêneros como modalidades que se diversificam e contribuem substancialmente para a construção de um bom ensino, mediante diversas possibilidades de aprendizagens, haja vista os gêneros digitais que facilitam esse processo de

educação e viabilizam novos espaços tanto para escrita, bem como para a leitura. Nessa linha, conforme diz Ottoni (2021, p. 30), “o ensino de língua portuguesa deve-se dar por meio de gêneros”, pois nós agimos e interagimos por meio deles. Vale salientar que a abordagem e a orientação acerca dos mesmos, também é evidenciada na Base Nacional Comum Curricular.

Dentro desse contexto, Marcuschi (2002) destaca que uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é serem altamente interativos, geralmente síncronos (com simultaneidade temporal), embora escritos. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala-escrita. Além disso, tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação com a presença de imagem, voz, música e linguagem escrita numa integração de recursos semiológicos.

Como define Marcuschi (2002), uma característica dos gêneros digitais é a forma síncrona ou assíncrona da interação. Vale ressaltar que os gêneros sempre foram uma ferramenta muito importante para o trabalho em sala de aula, seja com produção de textos ou com a leitura, como não somos nativos digitais, enquanto futuros professores, é lançado esse desafio de trabalhar nas salas de aulas onde os estudantes ou a maioria deles são nativos digitais. Então, podemos pensar e nos questionar como podemos materializar isso enquanto enfoque didático na sala de aula.

Assim, propostas de trabalho que potencializem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que, direta ou indiretamente, impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social e despertam seu interesse e sua identificação com as TDIC. Sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos, como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes (Brasil, 2018, p. 487).

Nesse sentido, faz-se necessário a escola não só trabalhar a utilização das técnicas digitais, mas também o uso criativo, ético e estético de todos os gêneros que perpassam o ambiente escolar, ou seja, que já fazem parte do cotidiano dos estudantes, durante toda a educação básica, objetivando que o estudante possa produzir sentido para engajar em práticas autorais e coletivas, de aprender nos campos sejam de ciência, da cultura, do trabalho, da informação e até mesmo da vida pessoal e coletiva.

3 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E GÊNEROS DIGITAIS

*A principal meta da educação é criar homens
que sejam capazes de fazer coisas novas,
não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram.*

Jean Piaget

Esta seção objetiva contextualizar a BNCC e discutir acerca de como a base aborda e orienta o trabalho com os gêneros digitais enquanto ferramentas de ensino-aprendizagem, no Ensino Médio. Primeiramente, apresentaremos o contexto histórico da Base Nacional Comum Curricular, ou seja, todo o processo de formação até a divulgação da última versão. E na sequência, destacaremos competências e habilidades que visam o trabalho com os referidos gêneros, ou seja, com as tecnologias podem possibilitar uma abordagem interdisciplinar na educação.

Como destaca a epígrafe que abre esta seção, através de práticas educativas inovadoras, o processo educacional ocorre de modo mais dinâmico, tendo em vista que novas possibilidades possam tornar o ambiente escolar instigante, de modo a melhorar o desempenho dos alunos.

3.1 BNCC: contextualização

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto das aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica. Logo, apresenta os direitos de aprendizagem e desenvolvimento conforme preconiza o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024). Assim, de acordo com a BNCC (2018):

[...] este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).(Brasil, 2018)

Desse modo, faz-se importante entender um pouco acerca de como ocorreu todo o processo para a construção da Base ao longo dos últimos trinta anos. Pois, o referido documento não foi elaborado de repente, ou seja, de uma hora para outra. O quadro a seguir evidencia o histórico da elaboração desse documento.

Quadro 02: Processo para a construção da BNCC.

Ano	Documento	O que diz
1988	Constituição Federal	Promulgada a Constituição Federal: a criação de uma Base Nacional Comum, com a fixação de conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, é prevista no artigo 210. De acordo com o referido artigo, uma fixação de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.
1996	Lei das Diretrizes e Bases (LDB)	Reforça a necessidade de uma base nacional comum.
1997 a 2000	Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)	Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram consolidados em partes: 1º ao 5º ano em 1997; 6º ao 9º ano em 1998; e, em 2000, foram lançados os PCNs para o Ensino Médio.
2010 a 2012	Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs)	Novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) orientadas para o planejamento curricular das escolas e sistemas de ensino, as resoluções valem para a Educação Infantil e os Ensinos Fundamental e Médio.
2014	Plano Nacional de Educação (PNE)	– A Lei n. 13.005, de 2014, instituiu o PNE com vigência de dez anos. São vinte metas para melhorar a qualidade da Educação Básica, sendo que quatro delas tratam da Base Nacional Comum Curricular. Dentre elas, podemos destacar: 7.1) estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos (as) alunos (as) para cada ano do ensino fundamental e médio, respeitada a diversidade regional, estadual e local.
2015	Portaria nº 592 de 17 de junho de 2015	Institui a Comissão de Especialistas para a Elaboração de Proposta da BNCC. Em outubro, tem início a consulta pública para a construção da primeira versão da BNCC com contribuições da sociedade civil, de organizações e entidades científicas.

2016	Segunda versão da Base	Em março, após 12 milhões de contribuições, a primeira versão do documento é finalizada. Em junho, seminários com professores, gestores e especialistas abertos à participação pública são realizados por todo o Brasil para debater a segunda versão da BNCC. Em agosto, começa a ser redigida a terceira versão, em um processo colaborativo com base na versão 2.
2017	Terceira versão da Base Nacional Comum Curricular	Em abril, o MEC entregou a terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao Conselho Nacional de Educação (CNE). O CNE elaborou parecer e projeto de resolução sobre a BNCC e homologou as etapas da educação infantil e do Ensino Fundamental.
2018	Implementação da Base Nacional Comum Curricular	Foi promulgada a Portaria nº 331, de 5 de abril de 2018 que institui o Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular – ProBNCC e estabelece diretrizes, parâmetros e critérios para sua implementação. Em 8 de novembro, o Conselho Nacional de Educação (CNE) elaborou o parecer CNE/CEB nº 3/2018 com a aprovação da atualização das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Ensino Médio.

Fonte: Ambiente Virtual de Aprendizagem do Ministério da Educação (MEC)- AVAMEC.²

Após concluir todo o processo, a BNCC passou a integrar a Política Nacional da Educação Básica como referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, bem como das propostas pedagógicas das instituições escolares.

3.2 BNCC e as orientações para o trabalho com gêneros digitais

A princípio, faz-se importante apresentar como a BNCC está organizada. Ela está dividida em três partes, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais)

² Quadro elaborado pela autora, a partir do curso *A BNCC do Ensino Médio: Linguagens e suas Tecnologias*, realizado na plataforma AVAMEC- Ambiente Virtual de Aprendizagem do Ministério da Educação (MEC), Realizado em: 10 de fevereiro de 2023 até 07 de março de 2023

e Ensino Médio (EM). Na etapa do EM (área do foco deste estudo), é relacionada um conjunto de habilidades para cada competência específica de área. Entenderemos melhor esse processo nos parágrafos a seguir.

A Área de Linguagens e suas Tecnologias, no Ensino Médio, visa a consolidar e a ampliar as habilidades e competências já construídas no Ensino Fundamental, com modos mais avançados e sofisticados de uso e análise das diversas linguagens, sendo elas: visual, corporal, sonora, verbal e gestuais. Com isso, é fácil notar como essas diferentes linguagens funcionam no mundo, exigindo, portanto, uma abordagem interdisciplinar na escola. Diante disso, a área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio está articulada em torno de campos de atuação que, por sua vez, relacionam-se entre si.

Na área de linguagens da BNCC, estão inseridos quatro componentes curriculares os quais são: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Artes e Educação Física. A ideia é que os alunos participem de diversas práticas de linguagens, ampliando suas capacidades de expressão tanto artísticas quanto corporais e linguísticas. Nessa direção,

As linguagens, antes articuladas, passam a ter *status* próprios de objetos de conhecimento escolar. O importante, assim, é que os estudantes se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem perder a visão do todo no qual elas estão inseridas. Mais do que isso, é relevante que compreendam que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação (Brasil, 2018, p.63).

Destarte, a área de linguagens trata dos conhecimentos relativos à atuação dos sujeitos em práticas de linguagem em variadas esferas da comunicação humana, das mais cotidianas às mais formais e elaboradas. A Base Nacional Comum Curricular destaca que a separação dos eixos no documento se dá apenas por uma questão de organização curricular, pois, no processo de ensino-aprendizagem, tais práticas de linguagem se “interpenetram” e se “retroalimentam”. Por isso, foram propostos cinco campos de atuação, os quais orientam a seleção de gêneros textuais/discursivos, práticas, atividades e procedimentos. A partir de cada campo, a BNCC organiza as práticas de linguagem articulando-as aos respectivos objetos de conhecimento e habilidades para cada ano do Ensino Fundamental, que devem ser desenvolvidos na integração entre os eixos organizadores, de modo indissociável das competências específicas do componente curricular.

A área de Linguagens e suas Tecnologias é delineada em torno de 7 competências específicas e suas respectivas habilidades. A saber:

- 1- Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.
- 2- Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
- 3- Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.
- 4- Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.
- 5- Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.
- 6- Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- 7- Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018, p. 490).

No que diz respeito à Competência 7, esta é extremamente importante (por se relacionar com o objeto desta pesquisa), já que diz respeito às práticas de linguagens em mídias digitais. Embora as práticas da era do impresso continuem importantes e devam ser tratadas na escola, hoje, o uso de mídias digitais impera na comunicação e na circulação/produção de informações e de novos conteúdos. Assim, propostas de trabalho que potencializem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que, direta ou indiretamente, impactam seu dia a dia

nos vários campos de atuação e qualificam seu interesse e identificação com as TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação).

Desse modo, sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes. Nessa perspectiva, para além da cultura do impresso (ou da palavra escrita), que deve continuar tendo uma centralidade na escola, faz-se necessário considerar a cultura digital, os multiletramentos, os novos letramentos, dentre outras denominações que procuram designar novas práticas sociais e de linguagem, em geral relacionadas a *Web*, em que o que está em questão não é simplesmente a presença da tecnologia e de uma diversidade de linguagens e mídias, mas uma nova mentalidade que precisa ser considerada pela escola.

Não são somente novos gêneros que surgem ou se transformam (como post, tweet, meme, mashup, playlist comentada, reportagem multimidiática, relato multimidiático, vlog, videominuto, political remix, tutoriais em vídeo, entre outros), mas novas ações, procedimentos e atividades (curtir, comentar, redistribuir, compartilhar, taggear, seguir/ser seguido, remidiar, remixar, curar, colecionar/descolecionar, colaborar etc.) que supõem o desenvolvimento de outras habilidades. Não se trata de substituição ou de simples convivência de mídias, mas de levar em conta como a coexistência e a convergência das mídias transformam as próprias mídias e seus usos e potencializam novas possibilidades de construção de sentidos (Brasil, 2018, p. 487).

Dessa forma, merece destaque especial o fato de que, ao alterar o fluxo de comunicação “de um para muitos” – como na TV, rádio e mídia impressa, a Web (e as possibilidades advindas das tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC) permite que todos sejam produtores em potencial, imbricando mais as práticas de leitura e produção (e de consumo e circulação/recepção). Não só é possível para qualquer um redistribuir ou comentar notícias, artigos de opinião, postagens em *vlogs*, e outros textos, mas também escrever ou performar e publicar textos e enunciados variados, o que potencializa a participação.

Para tanto, faz-se necessário a escola possibilitar o contato com larga variedade de enunciados, em práticas diversas de uso das línguas e das outras semioses, tais como as linguagens visuais, corporais/gestuais e sonoras. Pois, nas sociedades tecnológicas contemporâneas, essa diversidade de enunciados e práticas se amplia, colocando novos desafios à escola. Nesse sentido, os textos que articulam o verbal, o visual, o gestual, o sonoro, que constituem a multissemiose, devem ser considerados nas práticas de letramentos contemporâneas.

Assim, ainda referente a competência 7, é importante salientar que ela envolve 4 habilidades, que são:

(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

(EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.

(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede (Brasil, 2018, p. 497).

Diante do exposto, a primeira habilidade diz respeito à análise crítica das funcionalidades das TDIC e à postura que se deve assumir ao usá-las. Devemos lembrar que essas funcionalidades dependem dos dispositivos utilizados, já que dispositivos fixos (computador, laptop) e móveis (smartphones, tablets) obedecem a lógicas, funcionalidades e softwares/apps diversos. A segunda, habilidade, refere-se ao uso crítico, avaliando o impacto das TDIC na mentalidade e nas práticas sociais digitais, tanto na seleção (curadoria) como na produção e compreensão dos discursos.

Já a terceira habilidade, volta-se especificamente aos modos de produção dos discursos – coletiva, colaborativa, autoral – em ambientes digitais, em especial redes sociais e de mídia, levando em conta os princípios éticos requeridos. E a quarta habilidade destaca a importância da pesquisa e de informação na Internet, tendo em mente “os novos formatos de produção e distribuição” de conteúdo.

Portanto, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens. Nesse sentido, as competências da área e suas respectivas habilidades se organizam de modo a promover o desenvolvimento integral desse estudante. No Ensino Médio, a área Linguagens tem a responsabilidade de propiciar oportunidades para a consolidação e a ampliação das habilidades de uso e de reflexão sobre as linguagens – artísticas, corporais e verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita).

À vista disso, ao vivenciar essas práticas em diferentes mídias, os estudantes têm a oportunidade de desenvolver habilidades de comunicação, interpretação e expressão em diferentes contextos. Além disso, ao situar as práticas de linguagem em campos de atuação social diversificados, os estudantes aprendem a adaptar seus conhecimentos e habilidades para

diferentes situações, ou seja ao vivenciar diferentes práticas de linguagem em diferentes mídias, os alunos têm a oportunidade de explorar diferentes formas de expressão e diferentes tipos de narrativas, isso contribui para a ampliação do repertório cultural de cada um e para o desenvolvimento de uma visão mais crítica e reflexiva sobre o mundo.

De acordo com as informações supracitadas, é notório que a BNCC direciona a utilização dos recursos tecnológicos (os gêneros digitais) na sala de aula, visto que a cultura digital se configura como uma das bases do referido documento. Nessa perspectiva, Fancio (2019) diz que:

o reconhecimento de uma sociedade cada vez mais envolvida com a tecnologia deve ser acompanhado da conscientização da necessidade de incluir nos currículos escolares as habilidades e competências para lidar com as novas tecnologias (Fancio, 2019, p.11).

Em suma, “no Ensino Médio é de se esperar que o aluno já tenha um desempenho mais proativo tanto na aprendizagem quanto na utilização das tecnologias” (Antunes; Cerutti, 2021, p. 63). Desse modo, salientamos mais uma vez que, faz-se necessário que tais gêneros façam parte do processo ensino- aprendizagem, pois a tecnologia faz parte do dia a dia dos estudantes. É salutar dizer também, que práticas educativas atreladas aos gêneros digitais, conforme a BNCC orienta, ganham espaço significativo na vida dos alunos e dentro das escolas.

4 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS GÊNEROS DIGITAIS

[O livro didático] é um interlocutor, isto é, um componente que dialoga tanto com o professor quanto com os alunos.

Norma Allevato e Manoel Costa

Nesta seção, pretendemos fazer a análise dos dados produzidos ao longo da investigação. Para tanto, no primeiro momento, trazemos breves considerações acerca do livro didático, apresentando a coleção objeto de estudo nesta pesquisa. Em seguida, analisamos a abordagem dada nesta coleção aos gêneros digitais. Partindo da ideia expressa na epígrafe, é válido ressaltar que o livro didático se constitui como suporte referencial de estudo, estruturado de diversas maneiras (vários gêneros), objetivando fornecer conhecimento tanto para o aluno, bem como para o professor.

4.1 Sobre o livro didático

A priori, é imprescindível conhecermos um pouco a história do *corpus* de análise desta pesquisa. No ano de 1985, foi criado o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), um conjunto de ações desenvolvidas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pela Secretaria de Educação Fundamental (SEF), ambos os órgãos vinculados ao Ministério da Educação (MEC). Vale acentuar que, anteriormente, os livros didáticos também eram produzidos por outros programas, porém, no contexto atual, o PNLD é responsável por desenvolver esta ação, ou seja, avaliar e disponibilizar os livros didáticos (Val; Marcuschi, 2005).

Desse modo, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como responsabilidade avaliar, adquirir e distribuir de forma universal e gratuita os livros didáticos no Brasil. Inicialmente, o programa era direcionado somente ao Ensino Fundamental e somente em 2003 foi ampliado para o Ensino Médio. Até 1997, a avaliação prévia dos livros didáticos era baseada em critérios conceituais (sem erros ou indução de erros) e políticos (sem preconceito, discriminação, estereótipos, proselitismo político e religioso). Mas, em 1999, iniciou-se a aplicação de critérios metodológicos na avaliação dos livros didáticos.

No entanto, mesmo com todos esses critérios avaliativos, ainda eram encontradas irregularidades nos livros didáticos, o que levou o Ministério da Educação (MEC) a incluir,

em 1995, uma avaliação pedagógica das obras (Val; Marcuschi, 2005). Diante do exposto, é salutar dizer que a educação escolar se caracteriza pela mediação didático-pedagógica que se estabelece entre conhecimentos práticos e teóricos. Dessa forma, seus procedimentos e conteúdos devem adequar-se tanto à situação específica da escola e ao desenvolvimento do aluno quanto aos diferentes saberes a que recorrem. Portanto, nota-se a importância do livro didático enquanto ferramenta de reflexão e de ensino.

Convém ressaltar, também, que o ensino de Língua Portuguesa vem passando por muitas transformações e essas mudanças têm fortemente impactado nas práticas de linguagens, nas metodologias de ensino, entre outros aspectos da prática educativa. É importante destacar que o ensino de língua portuguesa não é algo instável, assim, se faz necessário que seja algo prático de modo a instigar o aluno para que essa linguagem faça parte do seu cotidiano e os gêneros digitais contribuem para tal necessidade. Desse modo, é interessante colocar em xeque, não só quais conteúdos estão sendo propostos, aqui especificamente para o Ensino Médio, mas também é imprescindível analisar como estes conteúdos podem ser desenvolvidos.

No que diz respeito aos livros analisados nesta pesquisa, destacamos que se tratam de três volumes da *Coleção Esferas da Linguagem*, os quais integram o PNLD, destinados aos três anos do Ensino Médio. A coleção em análise fundamenta-se, de acordo com suas autoras Campos e Assumpção (2016), sob uma perspectiva sociointeracionista. Cada volume é constituído de nove unidades e cada unidade é composta de três capítulos, seguindo os eixos: Leitura e literatura; texto, gênero do discurso e produção; e língua e linguagem. Os capítulos por sua vez, apresentam seções específicas no tocante aos referidos eixos.

Em um primeiro momento, concentramos nossa análise na organização da coleção. Verificamos que os três volumes buscam contemplar a exploração de gêneros textuais, e também que apresenta uma coletânea diversificada, incluindo gêneros literários e não literários, contemplando esferas discursivas de produção e circulação, assim como, a multimodalidade de textos. Para situar o leitor, elaboramos quadros sintetizando os gêneros trabalhados em cada unidade dos três volumes. Vale lembrar que cada volume da coleção possui 27 capítulos distribuídos em 9 unidades. Segue:

Quadro 03: Volume 1

Unidade	Número de capítulos	Título da unidade	Gêneros trabalhados
1	3	Expressões culturais: o texto e a mídia	Gêneros jornalísticos
2	3	Construção da brasilidade as raízes e o cidadão	Gênero publicitário

3	3	Asas da imaginação: indivíduo e consumo	Gênero publicitário: anúncios comerciais
4	3	Eu e o outro: subjetividade e ação	Gênero oral e escrito: seminário
5	3	Arte e sociedade a literatura e o leitor	Gênero da oralidade: o cordel
6	3	Mundo das linguagens: os textos e os contextos	Gênero oral e escrito: depoimento
7	3	Identidade e alteridade: o nativo e o estrangeiro	Gênero jornalístico: carta de reclamação
8	3	Novos territórios visuais: inovações e estranhamento	Canção no Tropicalismo
9	3	Trajetórias singulares: o artista e o cidadão	Gêneros digitais: Facebook, Twitter e blog

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 04: Volume 2

Unidade	Número de capítulos	Título da unidade	Gêneros trabalhados
1	3	Galáxias do livro: do manuscrito à impressão	Gênero jornalístico: entrevista
2	3	Espaço e tensões: o simbólico e a reflexão	Gênero de divulgação: resumo
3	3	Espaço da natureza: o equilíbrio e o descompasso	Gênero de divulgação: verbete
4	3	Espaço social: liberdade e manifestos	Gênero de manifestação pública: manifesto
5	3	Imprensa e leitor: construção da brasilidade	Gênero dramático
6	3	Raízes do Brasil: pluralidade e identidade	Gênero literário: lenda
7	3	Sonho e realidade: o trabalho e o ócio	Gênero jornalístico: resenha crítica
8	3	Sociedade e cultura: sedução da belle époque carioca	Gênero literário: conto
9	3	Olhares sobre a cidade: habitações coletivas	Gêneros jornalísticos: carta optativa do leitor

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 05: Volume 3

Unidade	Número de capítulos	Título da unidade	Gêneros trabalhados
---------	---------------------	-------------------	---------------------

1	3	Antiguidade revisitada: imitação e perfeição	Gênero jornalísticos: artigo de opinião
2	3	Enigmas e conhecimento: imagens e impressões	Redação de vestibular: texto narrativo
3	3	Fronteiras e exclusões sociais: terras secas e homens fortes	Gênero literário: fábula
4	3	Influências europeias: novas linguagens e sensações	Redação do Enem: texto dissertativo-argumentativo
5	3	Vanguardas tropicais: novas linguagens e novos códigos	Gênero jornalístico: debate
6	3	Crise na história e transformações sociais: liberdade e criação	Gênero jornalístico: editorial
7	3	Entre guerras e mundos: a consciência social e a produção cultural	Redação de vestibular: carta argumentativa
8	3	A cidade e o mundo: solidariedade e ética	Redação de vestibular: texto dissertativo-argumentativo
9	3	O singular e o universal: contextos e anseios	Redação de vestibular: texto dissertativo-argumentativo II

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Vale ressaltar que, atualmente, as escolas de Ensino Médio estão trabalhando com os livros redimensionados pela BNCC. No entanto, observamos em duas escolas da região que os professores não estão utilizando os livros atuais e retomando os livros anteriores em suas aulas. Além disso, observando alguns livros atuais não identificamos a exploração dos gêneros textuais digitais. Por isso, concentramos nossa análise na coleção mencionada (Esferas das Linguagens) que fez parte da seleção dos livros referentes aos de Língua Portuguesa. Convém destacar que, segundo o Guia do PNLD 2018, o processo de avaliação

foi realizado por universidades públicas, sob a coordenação da Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC), as quais foram selecionadas por meio de concorrência pública (Edital 42/2016).

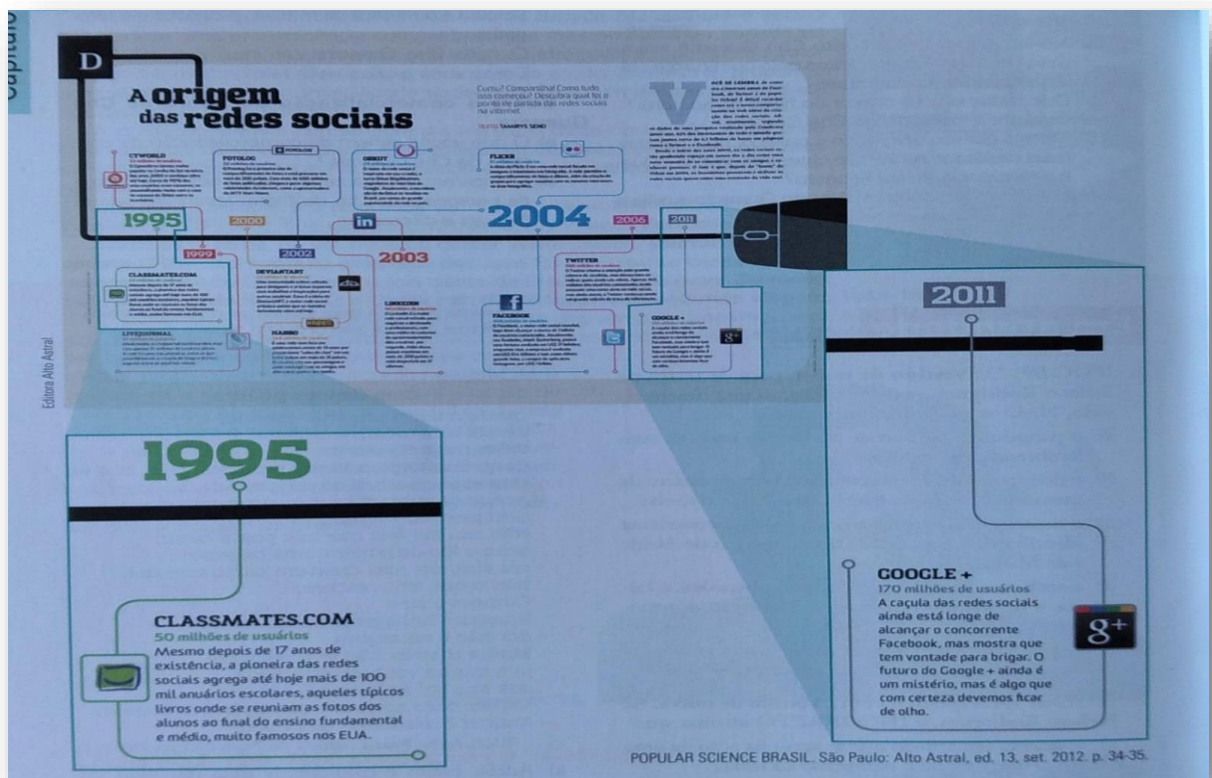
4.2 O livro em análise

Consoante a análise dos livros didáticos apresentados na descrição do corpus acima, fica evidente que a abordagem dos gêneros digitais nos materiais didáticos é bastante escassa. Os livros analisados são datados para serem trabalhados do ano 2018 a 2020. No entanto, no que se refere aos gêneros digitais, não contemplam substancialmente ao que a base orienta. Vale ressaltar que, conforme diz Melo *et al* (2019), desde a primeira versão, já apontava para um trabalho com gêneros que se pautasse em “práticas de linguagem em diferentes modalidades” (Brasil, 2016, p. 31), o que pressupõe a contemplação de gêneros do campo digital e midiático.

Dentre os três livros analisados, somando 81 capítulos, em apenas 1 capítulo o conteúdo é voltado para os trabalhos com gêneros digitais, dando destaque para: Gêneros digitais: *Facebook, Twitter e blog*. Porém, os gêneros citados não fazem parte do dia a dia dos estudantes, assim como o *Whatsapp, Instagram, Tiktok*, ou seja, dificilmente são acessados. Isso só confirma a carência dos GD nos materiais didáticos ainda hoje.

No segundo momento, dedicamos nossa atenção à análise do capítulo que trata especificamente dos GD, conforme citado no parágrafo anterior. O capítulo 26 do volume 1, da mesma coleção, especificamente na página 252, as autoras abrem a seção com uma linha do tempo intitulada “*A origem das redes sociais*”, e apresentam uma recuperação histórica de 16 anos, dos avanços científicos e tecnológicos para os jovens. Como podemos ver na imagem 01 a seguir que as autoras entrelaçam várias redes sociais que existiram ou existem, desde a *Classmates.com* do ano 1995 até o *Google+*, do ano 2011.

Imagem 01: Linha do tempo “A origem das redes sociais”.

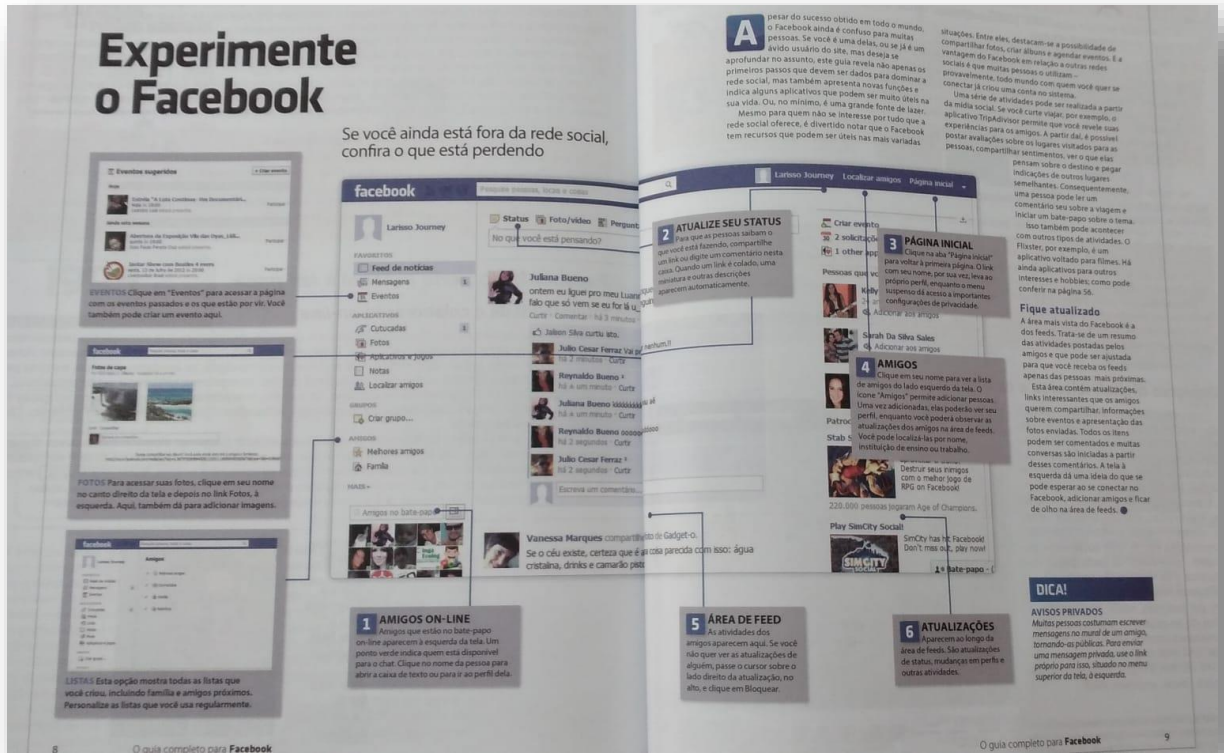


Fonte: (Campos; Assumpção, 2016, p. 252).

Na página seguinte, Campos e Assumpção (2016), apresentam um tópico chamado (Des)construindo o gênero, e falam que antes do surgimento da internet, o conceito de rede social já existia como organização de grupos conectados por um ou vários tipos de relações. Ressaltam que “com a ampliação das tecnologias digitais, presenciamos transformações no modo como as pessoas buscam informações e as compartilham (2016, p. 253). Logo, podemos ver o quanto as atividades de leitura e escrita tomaram uma nova forma, não sendo apenas no impresso, mas também no digital e isso nos permite uma interatividade ainda maior entre as pessoas.

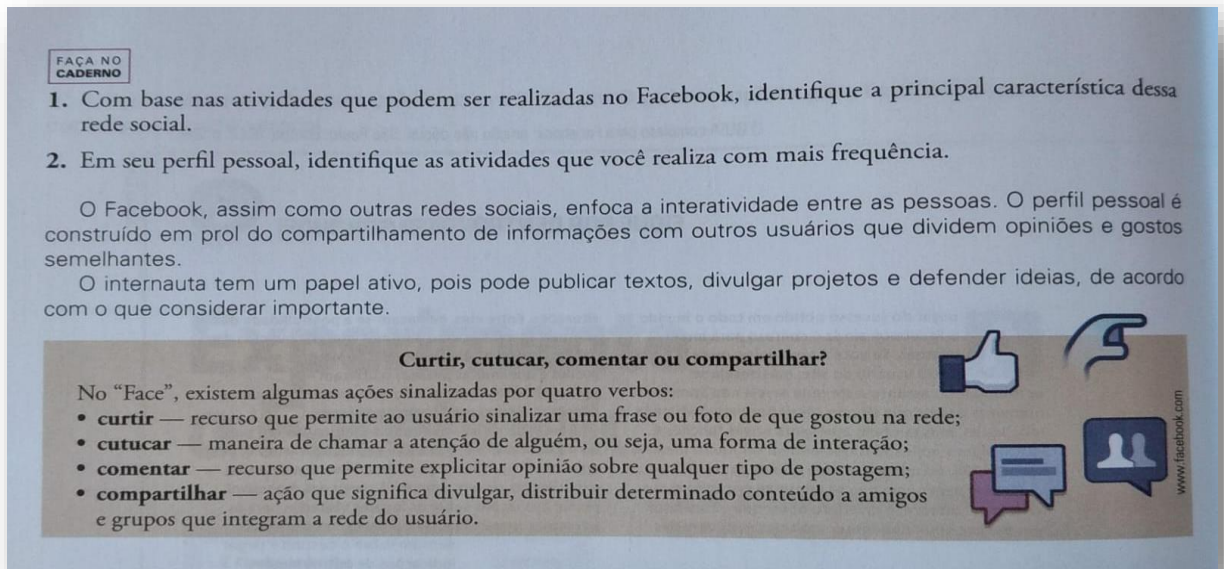
A imagem 02 reforça essa interatividade, pois, através de um guia completo para o *facebook*, as autoras mostram ao estudante como construir um perfil pessoal, no qual destacam que quem está fora das redes sociais está perdendo toda a dinâmica que é oferecida pelo “meio digital”. Nessa perspectiva, “uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é a alta interatividade, que confere um caráter inovador no contexto das relações entre fala-escrita” (Mello *et al*, 2019, p. 70). Já na imagem 03, podemos ver uma proposta de atividade, acompanhada da definição de quatro verbos (curtir, cutucar, comentar e compartilhar), dentro da referida rede social.

Imagem 02: Guia completo para o Facebook.



Fonte: (Campos; Assumpção, 2016, p. 254 e 256)

Imagem 03: Atividade sobre o gênero digital Facebook.

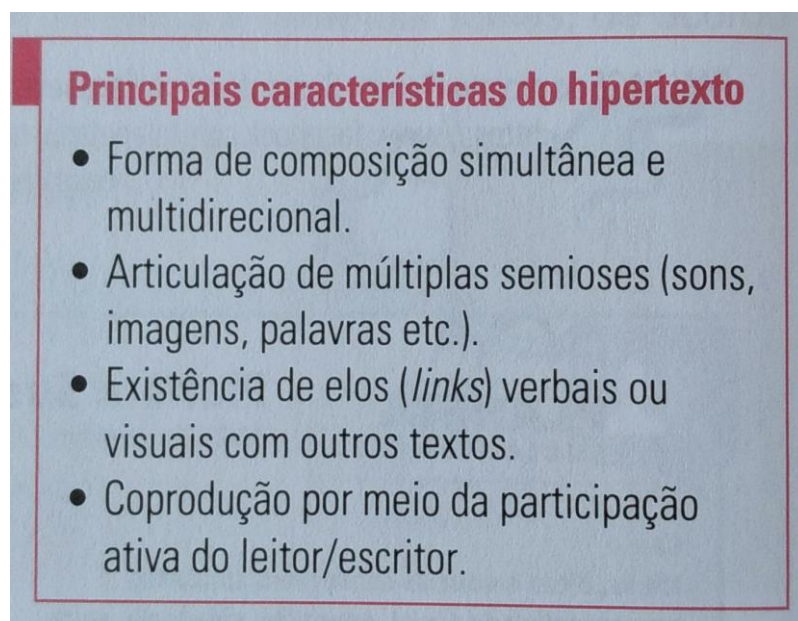


Fonte: (Campos; Assumpção, 2016, p. 256)

Logo, é notório o enfoque dado às redes sociais e a possibilidades que existem na inserção dessas redes (sociais), tais como: construção colaborativa, entretenimento, manifestos, etc, ou seja, enfatizam que estarem inseridos no meio digital, torna-os participativos, democraticamente, e com maior mobilização social. Nesse viés, Barton e Lee (2015, p. 12) ressaltam que “a tecnologia faz parte das experiências vividas pelas pessoas em todos os contextos, desde engajar-se numa infinidade de sites de redes sociais com amigos, até o trabalho, o estudo ou a participação na vida familiar”.

No mundo digital, os textos se constroem simultaneamente devido as articulações de diferentes semioses, visto que interconecta as múltiplas linguagens, tais como imagens, palavras ou até mesmo os sons. Assim sendo, são as diferentes linguagens que formam o que podemos chamar de hipertexto, ou seja, “um texto que inter-relaciona dinamicamente as informações em uma teia multidirecional” (Campos; Assumpção 2016, p.258). Vejamos na imagem 04 abaixo, as principais características do hipertexto segundo as autoras:

Imagem 04: Características do hipertexto.



Fonte: (Campos; Assumpção, 2016, p. 258).

Assim, é salutar dizer que os hipertextos estão em constante modificações a partir da atividade que cada pessoa realiza, e é nesse engajamento que os leitores ou escritores participam ativamente da coesão e coerência entre os textos acessados.

Outro gênero que é estudado nesta seção é o *Twitter*. As autoras abrem este tópico com uma atividade interpretativa e a definição do que é essa rede social. Vejamos na imagem 05, abaixo:

Imagem 05: Conteúdo introdutório e atividade interpretativa sobre o gênero Twitter.

Twitter: microblog em 140 caracteres

Conectividade e rapidez

Observe ao lado a página no Twitter do jornal **Le Monde Diplomatique Brasil**.

FAÇA NO CADERNO

1. De cima para baixo, descreva que elementos verbais e visuais compõem a página.
2. Interprete a função dos *tweets* (as postagens) nessa página.

O **Twitter** é uma rede social que se caracteriza como um microblog. Nele, os usuários podem enviar e receber *posts* (postagens) em textos de até 140 caracteres, conhecidos como *tweets*.

Criado em 2006 por Jack Dorsey e sócios, o Twitter ganhou extensa notabilidade e popularidade por todo o mundo, sendo descrito como uma espécie de SMS da internet.

Jack Dorsey nasceu em 1976, nos Estados Unidos. É empresário e desenvolvedor, criou a Odeo, empresa de *podcasting* voltada para publicações em mídias digitais. Em 2006, fundou o Twitter, em parceria com Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass.



Stephen Lam/Reuters/Latinstock

Jack Dorsey, em 2012.

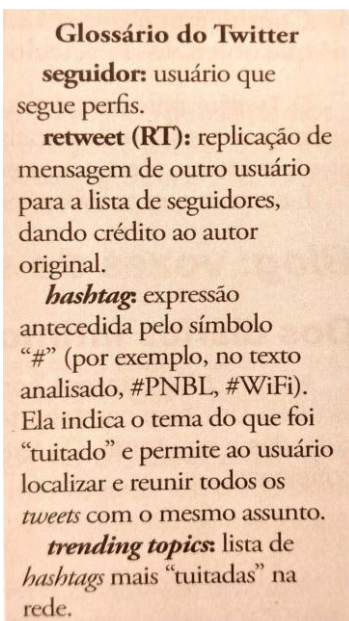


PÁGINA no Twitter de **Le Monde Diplomatique Brasil**.
Disponível em: <<https://mobile.twitter.com/diplobrasil>>.
Acesso em: 5 maio 2013.

Fonte: (Campos; Assumpção, 2016, p.260).

Sobre isso, é disponibilizado para os estudantes o glossário do *Twitter*, ver na imagem 06. Destacam também que essa rede social (*Twitter*) apresenta conectividade com outras mídias digitais, objetivando manter-se atualizado com as notícias, ou seja, estar “por dentro” dos principais assuntos de seu interesse. Assim sendo, os indivíduos interagem de maneira intensa e contínua, pois em sua grande maioria têm necessidade dessa transmissão de informações (Andrade; Fernandes; Souza, 2019).

Imagem 06: Glossário do Twitter.



Fonte: (Campos; Assumpção, 2016, p. 261)

As aulas de LP podem ser trabalhadas por meio dessa unificação entre o livro didático e as ferramentas virtuais, visto que os alunos estão cada vez mais praticando novas linguagens (Antunes; Cerutti, 2021). Nesse sentido, Bitencourt (2002), destaca que o livro é o material didático referencial não apenas dos professores, mas também dos alunos, os quais o consideram referencial básico para o estudo.

O terceiro e último gênero apresentado no capítulo do livro analisado é o *Blog*. Campo e Assumpção (2016) trazem um quadro com informações sobre sua origem e destacam que muitos blogs trazem comentários ou notícias sobre um determinado assunto, mas, outros apresentam diários virtuais, como podemos ver na imagem 07, abaixo:

Imagem 07: Origem do gênero Blog e exemplo.

BRASIL ACADÊMICO
O blog do acadêmico descolado

FAÇA NO CADERNO

1. Pelo título e pelo subtítulo do *blog*, levante hipóteses: qual é o objetivo dessa página na *web*?
2. O título do *blog* está relacionado ao formato gráfico da página: um caderno. Explique essa informação e interprete o uso desse recurso.

PÁGINA do *blog* **Brasil Acadêmico**. Disponível em: <<http://blog.brasilacademico.com/index.html>>. Acesso em: 11 maio 2013.

Fonte: (Campos; Assumpção, 2016, p. 263).

Na sequência, é apresentado para os alunos uma discussão acerca da linguagem do gênero (GD), pois mediante as redes sociais e as constantes inovações tecnológicas, surgem novas exigências de leitura e de escrita no mundo virtual, haja vista que texto digital interconecta elementos da oralidade e da escrita, as múltiplas linguagens. Nesse cenário, os usuários que compõem a sociedade já não conseguem se comunicar sem a utilização desses recursos. Fato esse que já recebeu uma denominação bastante peculiar: *Internetês* (Antunes; Cerutti, 2016, p. 62).

Segundo Antunes e Cerutti (2016), esse internetês e outros termos formam o conjunto de uma nova linguagem que vem fazendo parte da vida dos alunos precisa estar associada aos conteúdos como elemento construtor de conhecimento e aprendizagem. Vejamos a imagem 09, abaixo;

Imagem 09: Atividade acompanhada do glossário internetês.

1. Nos textos, ocorre o uso de marcas de oralidade, ou seja, termos frequentes em situações de uso da língua falada. Identifique tais elementos.
2. No segundo texto, há o uso de marcas específicas das mensagens curtas enviadas pelo celular ou escritas em diferentes ambientes digitais, como *chats*, *blogs*, *fóruns* etc. Identifique-as e explique que função elas adquirem nesse contexto.

Escrever na internet geralmente é associado, única e exclusivamente, ao "internetês", reconhecido pelo uso de abreviações e imagens, com o objetivo de agilizar a comunicação *on-line*.

O que se observa, contudo, é o uso de elementos que se aproximam da interação face a face, por exemplo marcas de entonação e tom de voz, pelo uso do prolongamento de vogais e letra maiúscula; elementos visuais, como olhares, gestos, meneios de cabeça, pelo uso de ícones animados, fotos, vídeos etc.

Glossário do internetês

vc: você	blz: beleza
kd: cadê	fds: fim de semana
net: internet	tbm: também
tah: tá	flw: falou
fmz: firmeza	td: tudo
qdo: quando	pq: porque
qnt: quanto	axo: acho
q: que	nd: nada
naum: não	add: adicionar
bjs: beijos	abs: abraços









Fonte: (Campos; Assumpção, 2016, p.265).

Nessa perspectiva, também é disponibilizado para o estudante um quadro com as marcas da oralidade na escrita, ver na imagem 10. De modo que o aluno veja que tais recursos são utilizados com o objetivo de manter um ritmo convencional próximo do diálogo cotidiano, ou seja, que seja familiar. Dessa maneira, de acordo com as autoras a comunicação escrita nas redes sociais está articulada a usos específicos da linguagem, de acordo com quem escrever e seus objetivos e ainda reiteram que a linguagem das redes sociais não exclui a norma padrão, os usos da língua se articulam a esferas e contextos determinados.

Imagem 10: Marcas de oralidade na escrita digital.

Marcas de oralidade na escrita digital

As abreviações e os *emoticons* (símbolos também denominados “*smiles*”) recuperam marcas de uma conversa informal e possíveis expressões faciais, ações, estados de espírito, próprios do diálogo face a face.

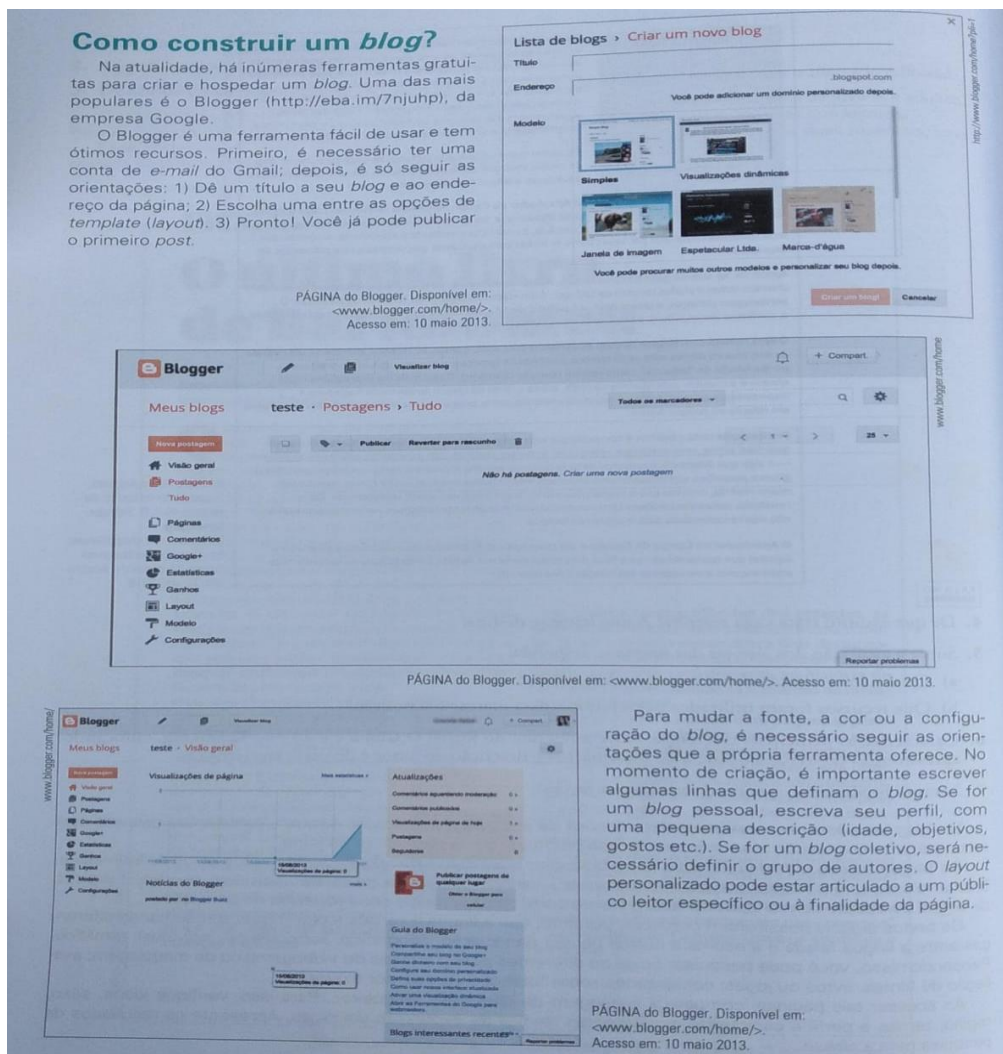
<i>Emoticons</i>		Significado
:-)		felicidade
:-(	tristeza
;-)		piscadela
:-D		risada
:~~		lágrimas
:-*		beijo
B)		óculos escuros
:-O		espanto

Editoria de arte

Fonte: (Campos; Assumpção, 2016, p. 266).

De acordo com a imagem acima, podemos ver que a internet adicionou o conhecimento à agilidade. Assim, aproximou as duas modalidades da língua: a oral e a escrita (Antunes, Cerutti, 2016). E é nesse viés que na página 272, é orientado passo a passo como construir um *blog*, de modo a instigar os alunos a praticar o gênero, incentivando o protagonismo e a autonomia do mesmo. Comungando as prescrições da BNCC para o Ensino Médio (Cândido; Xavier, 2022). Vejamos então, a imagem 11.

Imagem 11: Como construir um blog.



Fonte: (Campos; Assumpção, 2016, p. 272).

De acordo com Santos e Cavalcante (2020), a versatilidade dos recursos do *blog*, no processo ensino e aprendizagem, sobretudo, a facilidade de acesso e sua utilização, otimizam o uso de metodologias ativas, que são mais utilizadas atualmente. Portanto, é possível notar que neste capítulo as autoras apresentam propostas que dialogam com os materiais nele citado. Todavia, sentimos falta de serem trabalhados conteúdos de gramática atrelados os gêneros que o capítulo aborda, pois esse diálogo praticamente não aparece.

No que se refere à problematização da presença dos gêneros digitais nos livros didáticos de Língua Portuguesa, os resultados desta pesquisa nos mostram que o livro analisado apresenta GD. No entanto, somente em um volume esse tipo de gênero é trabalhado de forma mais significativa. Após a análise do material didático, vimos que o livro aborda os gêneros: *Facebook*, *twitter* e *blog*, focando no ensino da forma, do estilo e da estrutura composicional dos gêneros. Outro recorte de análise que foi levado em consideração é o tratamento dado às redes sociais pelos livros de língua portuguesa, na medida em que explorar

os recursos dessas ferramentas pode abrir possibilidades para um ensino mais produtivo e colaborar para as práticas de letramentos pessoais, bem como em rede (Dudeney; Hockly; Pegrum, 2015).

De acordo com as informações supracitadas e, ao compreender a relevância entre os gêneros textuais e digitais inseridos no processo de ensino, ou seja, no contexto escolar, o qual tem como material de estudo o livro didático e a relação entre eles, debruço-me no pressuposto de que os gêneros textuais/digitais sempre foram uma ferramenta muito importante para o trabalho em sala de aula, seja com produção de textos ou com a leitura. Então, conforme destacado na primeira seção desta pesquisa, podemos pensar e nos questionar como podemos materializar isso enquanto enfoque didático na sala de aula, haja vista que é importante a escola não só trabalhar a utilização das técnicas digitais, mas também o uso criativo de todos os gêneros que perfaçam o ambiente escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos nesta pesquisa analisar a abordagem dada aos gêneros digitais na BNCC e no livro didático de Língua Portuguesa, trabalhado em escolas públicas de Ensino Médio, em municípios da região do Alto Sertão da Bahia. Para tanto, fizemos uma investigação que compreendeu os seguintes passos: estudo da Base Nacional Comum Curricular na parte que se refere aos gêneros digitais; seleção de autores que exploram este tema relacionando-o ao ensino da Língua Portuguesa; escolha do livro didático que foi analisado nesta investigação. Por fim, análise dos dados destacados, utilizando para tal o suporte do referencial teórico selecionado.

Em relação à abordagem dos gêneros digitais no ensino de Língua Portuguesa, constatamos, neste estudo, que o livro didático analisado apresenta atividades que contemplam o uso de tais gêneros. E que as autoras direcionam a sequência didática no sentido de permitir ao professor explorar na prática o ensino de gêneros, trabalhando os conceitos e as práticas sociais. Todavia, com relação à atualidade dos gêneros, observamos que a abordagem dos mesmos, concerne a gêneros digitais que hoje em dia são dificilmente acessados pelos jovens. Assim, é válido ressaltar que a pesquisa constatou, também, que ainda há um lacuna no tocante a presença e exploração dos GD nos livros didáticos trabalhados no Ensino Médio.

Em suma, apesar de haver trabalhos voltados para o estudo dos gêneros digitais enquanto recurso de ensino-aprendizagem, há poucas publicações em revistas específicas da área de linguagens, como demonstramos na seção 1.1 desta pesquisa, fator que de certa forma surpreendeu quando fomos realizar a RSL. Faz-se necessário pontuar também que embora tenhamos desde o ano 2018 um documento norteador das aprendizagens essenciais, contendo competências gerais e específicas, bem como habilidades (BNCC), as quais o sistema educacional brasileiro deve seguir, com respeito aos GD, quando nos voltamos para o livro didático, o trabalho que a Base orienta não é substancialmente contemplado.

Diante disso, na nossa pesquisa, além de analisarmos o enfoque dado aos gêneros digitais como instrumento facilitador do ensino de Língua Portuguesa, analisamos este enfoque na Base Nacional Comum Curricular e nos livros didáticos. Pois, assim como o referido documento é referência da educação brasileira, os livros também são alusivos tanto para os professores bem como para os alunos. Daí a importância de que o diálogo entre esses

dois referenciais se façam presentes e atuais, em relação aos trabalhos com os gêneros que os jovens hoje em dia estão inseridos.

Mediante os resultados, reforçamos a necessidade de serem realizadas práticas educativas as quais envolvam os recursos tecnológicos no ensino de Língua Portuguesa, contemplando as habilidades e competências da BNCC, a exemplo de diferentes formatos de avaliação, aplicativos educacionais, interação em ambientes virtuais e apresentações em formato multimídia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Antônio Wellington; CARNEIRO, Francisca Negreiros. **Gêneros textuais, leitura e novas tecnologias**. In: LIMA, Ana Maria Pereira; GOMES, João Bosco Figueiredo; SOUZA, José Marcos Rosendo de (Orgs). Gêneros multimodais, multiletramentos e ensino. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 77-81.
- ANDRADE, Carolina Santos Melo de; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca; SOUZA, Maryá Amaral de. **As tecnologias como ferramentas na educação linguística: a BNCC e a visão dos professores**. Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, v. 12, n. 2, p. 30-46, 2019.
- Antunes, Jocélia Nunes; Cerutti, Elisabete. **Práticas educativas envolvendo o uso das tecnologias digitais no ensino de língua portuguesa no ensino médio: uma reflexão a partir das competências da BNCC**. Perspectiva, Erechim. v. 45, n. 172, p. 55-68, dezembro/2021.
- BARDIN, Laurence, **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; [1977] 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BITTENCOURT, Circe. **Livros didáticos entre textos e imagens**. In: BITTENCOURT, Circe (Org). O saber histórico na sala de aula. 7ª. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 69-90.
- BRASIL, Ministério da Educação. Série Mais Educação. **Rede de Saberes Mais Educação: Pressupostos para Projetos Pedagógicos de Educação Integral**. 1 ed. Brasília. 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2ª versão revista. MEC: 2016.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Os fundamentos Pedagógicos da Mec**, 2018.
- CAMPOS, Maria Inês Batista; ASSUMPÇÃO, Nivia. **Esferas das linguagens: 1ºano**. - 1.ed.- São Paulo: FTD, 2016.
- CAMPOS, Maria Inês Batista; ASSUMPÇÃO, Nivia. **Esferas das linguagens: 3ºano**. – 1.ed. - São Paulo: FTD, 2016.
- CAMPOS, Maria Inês Batista; ASSUMPÇÃO, Nivia. **Esferas das linguagens: 2ºano**. – 1.ed.- São Paulo: FTD, 2016.
- CÂNDIDO, Jucileide Maria Oliveira; Xavier, Manassés Morais. **A cultura digital no livro didático de português: por uma perspectiva dialógica**. Verbum (ISS+N 2316-3267), v. 11, n. 1, p.271-290, mai. 2022.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2014.
- DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nick; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FANTIN, Monica. RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e formação de professores: usos da mídia, práticas culturais e desafios educativos. In: FANTIN, Monica. RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas (SP): Papirus, 2003.

FANCIO, Adriana Cícera Amaral. **O ensino de língua portuguesa no Brasil: discursos materializados em documentos oficiais e atualizados pelo PCN e pela BNCC**. 2019. 202f. Tese (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos/SC, 2019.

FREITAS, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57–73, set. 2019/fev. 2020.

Home> Blog> # paraescola. **A importância do letramento digital para os alunos**. Disponível em: <https://www.coc.com.br/blog/souescola/para-a-escola/a-importancia-do-letramento-digital-para-seus-alunos>.

<https://www.fnde.gov.br/pnld-2018/> Acesso em 23 de novembro de 2023.

[L13005 \(planalto.gov.br\)](https://www.planalto.gov.br/) Acesso em 05 de outubro de 2023.

LIEBSCHER, Peter. **Quantidade com qualidade?** Ensino quantitativo e métodos qualitativos em um programa de mestrado LIS. *Library Trends*, v. 46, n. 4, p. 688-680, Spring 1998.

LIMA, Marieli Paim de; LOPES, Raquel Maciel; SANTOS, Vanice dos. **Cultura digital: práticas pedagógicas nas linguagens contemporâneas**. In: BIANCHESSI, Cleber (Org). *Cultura Digital: novas relações pedagógicas para Aprender e Ensinar: volume II* / — Curitiba: Bagai, 2020. 224 p.

LIMA, Ana Maria Pereira; GOMES, João Bosco Figueiredo; SOUZA José Marcos Rosendo de (Organizadores). **Gêneros multimodais, multiletramentos e ensino**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 297.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu, 1986.

MASSETTO, Débora Cristina; SILVA, Givanildo da; VIANA, Maria Aparecida Pereira. **Currículo e formação na cultura digital**. Revasf, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 12, n.28, p. xx-xx, Agosto, 2022.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. USP, São Paulo, 2002.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). *Gêneros textuais e ensino*. 5. Ed. Rio de Janeiro. Lucerna, 2007. p. 19-36.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. Ed. São Paulo: Parábola, 2008.

OTTONI, Maria Aparecida Resende. **Gênero, multiletramento e tecnologia digital no ensino de língua portuguesa: alguns desafios**. In: MESQUITA, Elisete Maria de Carvalho; ROCHA, Maura

Alves de Freitas (Orgs). Políticas de ensino de língua portuguesa [recurso eletrônico]. 1. ed. - São Paulo: Pá de Palavra, 2021.p. 29-54.

[PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO \(mec.gov.br\)](https://www.mec.gov.br) Acesso em 23 de novembro de 2023.

RIBEIRO, Ana Lúcia Ponciano; NEPOMUCENO, Dayane Donato. **Tecnologias da informação e comunicação**: ensino da língua portuguesa e as tic's. In: SILVA, Américo Junior Nunes da (Org). A educação enquanto fenômeno social e a superação das desigualdades sociais /. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

ROCHA, Silva Soares da e Evando Luiz. **Gêneros textuais e as atividades de linguagem em sala de aula**. Muraquitã: Revista de Letras e Humanidades, UFAC, ISSN 2525-5924, v. 8, n. 2, 2020.

ROJO, Roxane. **Letramento escolar e os textos da divulgação científica- a apropriação dos gêneros de discurso na escola**. In: KLEIMAN, Ângela B; BALTAR, Marcos (Orgs). Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 3, set./dez. 2008. p.581-612.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramento e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTANA, Neidson Dionísio Freitas de. SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Multiletramentos em livro didático de língua portuguesa**: outros modos de ler e de escrever na cultura digital. In: ANECLETO, Úrsula Cunha; OLIVEIRA, Maiele dos Santos; FERRAZ, Débora Araújo da Silva; NETTO, João Francisco da Silva (Orgs). Tecnologias digitais e (multi)letramentos: inflexões teórico-metodológicas para a formação do professor.1. ed. Bahia: Mondrongo, 2020. p. 20-36.

SANTOS, Nádson Araújo dos; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. **Gêneros digitais em livros didáticos de português**: uma abordagem focada no livro didático e na concepção de professores. Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista v. 12, n. 1 jan./jun. 2020.

SILVA, Elaine Teixeira da. Multiletramentos e as tecnologias digitais: propostas pedagógicas para o ensino e aprendizagem de línguas (Org). Alagoinhas: Bordô-Grená, 2019.

SILVA, Givanildo da; VIANA, M. A. P. **As tecnologias na educação**: o papel da equipe gestora nas práticas pedagógicas. Dialogia, São Paulo, n. 32, p. 183- 198, maio/ago. 2019.

SILVA, Américo Junior Nunes da (Org). **A educação enquanto fenômeno social e a superação das desigualdades sociais**. Ponta Grossa - PR: Atena, v.3. 2022.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**: Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008> Acesso em 19 de junho de 2023.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. – 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, 128p.

SOUSA, Robson Pequeno; MIOTA, Filomena M. C da S. C; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. (Orgs). **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

VAL, Maria da Graça Costa; MARCUSCHI, Beth (Org.). **Livros Didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.